

REPETIÇÃO E REDUPLICAÇÃO EM LÍNGUA FRANCA

Hildo Honório do Couto
Denize Elena Garcia da Silva
Universidade de Brasília^b

1. Introdução

Discutir os conceitos de repetição e reduplicação à luz de dados da língua franca constitui o objetivo central deste estudo. Para tanto, buscar-se-á caracterizar os atos verbais de repetir e reduplicar como dois mecanismos lingüísticos que, apesar de próximos em sua origem, apontam diferentes funções de natureza discursiva e gramatical. No âmbito das teorias lingüísticas em geral - regidas pelo paradigma formalista de um lado, ou pelo paradigma funcionalista de outro - existe uma dificuldade em apontar onde começa a estratégia morfológica da reduplicação e onde termina o recurso discursivo da repetição. Não obstante, sabe-se que se trata de dois fenômenos que integram a ordem evolutiva de processos lingüístico-discursivos que levam ao que hoje se reconhece, dentro da perspectiva funcionalista, como "gramaticalização"².

O interesse em focar esses dois procedimentos lingüísticos, com dados da língua franca, justifica-se, de um lado, pela possibilidade de encontrar um campo a mais para a discussão de questões teóricas fundamentais, tais como as fronteiras entre o discurso e a gramática, as quais se tornam ilusórias à medida que o aspecto pragmático da linguagem é considerado. Por outro lado, trata-se de uma contribuição para os estudos voltados para o *pidgin* que determinados autores consideram como não sendo uma língua. Com base em alguns textos atribuídos à língua franca, discutiremos se os segmentos repetidos neles encontrados são apenas manifestações de fenômenos discursivos, ou se pelo menos alguns deles já podem ser considerados como gramaticalizados no processo morfológico da reduplicação.

Chama-se de língua franca (LF) o modo como se dava a comunicação em torno do Mediterrâneo entre norte-africanos (diversos dialetos árabes, berbere, turco) e europeus do sul, desde aproximadamente final do século XIII até final do século XIX. Embora praticamente todas as línguas européias tenham entrado em sua formação de uma forma ou de outra, a língua de base (por assim dizer lexificadora) é o italiano. Nas variedades mais ocidentais, o espanhol também teve um papel bastante significativo. A partir de 1830, data da invasão francesa a Argel, a LF passou por um intenso processo de afrancesamento, freqüentemente sob o nome de *sabir*, que é outra designação dessa modalidade lingüística. Em Couto (*a sair*) pode-se ver uma exposição detalhada sobre a LF, incluindo um histórico, textos e discussão sobre seu status como língua (ou não).

2. Os dados

Aqui temos uma lista de dados coletados em diversas fontes, mas sintetizadas em Cifoletti (1989) e em Couto (*a sair*). No momento, não estamos julgando os enunciados quanto ao fato de serem repetição ou reduplicação. Trata-se apenas de uma listagem das principais ocorrências de dados repetidos que, potencialmente, poderiam ser interpreta-

dos como repetição ou reduplicação. Em primeiro lugar, tem-se o nome da fonte que registrou o exemplo, seguida da data provável de publicação/prolação. No final de cada exemplo, entre colchetes, vem o número de ocorrências. Para informações sobre as fontes, ver as duas obras recém-mencionadas.

- (1) *Contrasto* (1284~1305): ardire, ardire 'atreves, atreves?' [3]
- (2) Encina (1521): (i) benda, benda 'dê-me benda' [1]; pilla, pilla 'leve, leve' [1].
- (3) Haedo (1612): (i) acosi acosi 'tá vendo!' [1]; (ii) andar andar 'anda!, vamos!' [1]; (iii) assi assi 'olha aqui, olha aqui!' [1]; (iv) estar muy grande pecado, y grande pecado [1]; (v) cerrar boca, chito, chito, non parlar 'cala-te' (ital., "zitto zitto") [1]; (vi) cosi cosi 'de tal modo' [2]; (vii) mumucho, mucho [1]; (viii) veccio veccio niçarane 'velho cristão' [1].
- (4) Dan (1637): cosi cosi 'de tal modo' [1].
- (5) Serrano (1670) filfil 'pimenta' [1]; (ii) semen lemen [1].
- (6) Rehbinder (1798/1800): come star? come va? [1].
- (7) Caronni (1805): (i) non paura, non paura [2]; (ii) buona presa, buona presa [1]; (iii) non lasciar entrar moro, non lasciar ch'entra moro [1]; anda, anda canaglia [1]; (iv) mangiare mangiare [1]; (v) anda, anda a palazzo [1]; (vi) andare, andare giù in casa mia [1]; (vii) buono, buono [1]; (viii) cosa detto, cosa aver detto papasso per carrozza? [1].
- (8) Pananti (1817): no paura, no paura [1]; schiavi, schiavi [1].
- (9) *Dictionnaire* (1830): (i) andar poco poco 'allez doucement' [1]; (ii) qui star questo signor qué poco poco ablar per ti? 'Qui est ce Monsieur qui vous parlait tantôt?' [1]; (iii) andar siémé siémé 'allons ensemble' [1]; (iv) bisogno andar mirar per ellou siémé siémé 'nous irons le voir ensemble' [1]; (v) poco poco star quatr'ora 'il est bientôt quatre heures'.
- (10) MacCarthy & Varnier (1852): andar siémé siémé 'allons ensemble' [1].
- (11) Faidherbe (1884): chouaia-chouaia 'suavemente' [1].
- (12) Waille (1884): chouaia-chouaia 'suavemente' [1].

Infelizmente, não dispomos de detalhes sobre as condições de produção desses textos. Não obstante, quase todos parecem exemplificar o fenômeno discursivo da repetição. Vejamos os poucos que poderiam estar passando o limiar entre ele e o fenômeno morfológico-gramatical da reduplicação. Notemos, em primeiro lugar, que alguns dos exemplos são meras variantes uns dos outros. O exemplo "acosi acosi" de (3i), aparece também como "cosi cosi" em (3vi) e como "assi assi" em (3iii), no mesmo autor. Observe-se que essa forma ocorre em outras fontes, como se vê em (4). A forma "poco poco" ocorre três vezes, mas apenas no *Dictionnaire*, como está nos exemplos (9i, ii, v). Os significados são ligeiramente diferentes. Quanto a "siémé siémé", ocorre duas vezes no *Dictionnaire* (9iv, v) e uma em Serrano, só que sob a forma de "semen lemen" (5ii).

De todas essas formas, as que em princípio poderiam ser consideradas como exemplos de reduplicação, como definida na seção seguinte, seriam justamente essas três, ou seja, "cosi cosi", "poco poco" e "siémé siémé", embora os dados não nos permitam afirmá-lo com segurança. Talvez se pudesse acrescentar a de (3v) e a de (11)-(12). A primeira é claramente transferência da reduplicação italiana "zitto zitto". A segunda seria

decalque das línguas do norte-africano. Mas, existe alguma coisa na LF que não seja decalque de uma dessas línguas?

Além desses exemplos, colhidos em atos de interação comunicativa por cronistas da época, existem também obras literárias em que aparecem excertos presumivelmente em LF. Em *La Sultana*, peça de Giambattista Andreini (\pm 1598) temos várias ocorrências, mas todas elas claramente de repetição. Em duas peças de Molière *Le sicilien ou l'amour peintre* (1667) e *Le bourgeois gentilhomme* (1670) e em cerca de sete de Carlo Goldoni (de 1734 a \pm 1760), o mesmo se verifica. Várias outras obras de diversas línguas da Europa contêm manifestações implícita ou explícitas do mecanismo da repetição em LF. Entretanto, por serem literárias, e portanto de certa forma artificiais, não as levamos em consideração.

5. Da fundamentação teórica à análise dos dados

Em geral, os estudos que abordam a repetição e a reduplicação sugerem algumas diferenças básicas, tanto formais quanto funcionais, passíveis de serem identificadas nas diversas maneiras de realização dos dois fenômenos. Enfocado em seu aspecto formal, a repetição consiste na reaparição de um ou mais segmentos depois de sua primeira ocorrência dentro de um mesmo texto, seja este oral ou escrito (Silva, 1996). Se tomada como um processo expressivo, não só intratextual, mas também intertextual, a repetição (*geminatio* ou *repetitio* para os primeiros retóricos, 'recorrências' ou 'formas recorrentes' para os lingüistas do texto) constitui um dos recursos mais efetivos quanto à intensificação da linguagem nos níveis fonológico, morfológico e sintático, conforme sugere Teles (1970).

Na identificação formal de um segmento lingüístico repetido há que se levar em conta traços básicos associados aos seguintes domínios componenciais: 1) fonte de produção (*auto* ou *hetero-repetição*); 2) nível de segmentação (*fonológico, morfológico, lexical, sintagmático e oracional*); 3) posição na distribuição (*contígua, próxima e distante*); e configuração em termos de caracterização (*simples e complexa*). A repetição simples consiste na recorrência de uma forma lingüística idêntica à matriz, ao passo que a complexa apresenta variação na forma repetida. Ressalte-se que, do ponto de vista formal, qualquer segmento lingüístico repetido pode ser identificado em diversas posições e em diferentes níveis, desde o fonológico, passando pelo lexical, até o estrutural, que envolve o nível morfossintático (Silva, 1996).

Eis que, de acordo com esses traços formais, a repetição pode desempenhar - além das funções comuns que lhe são atribuídas de ênfase e intensificação - uma gama variada de funções entre as quais se destaca as de coesão (Koch, 1989; Bessa Neto, 1991) e formulação textual (Koch, 1997, Silva, 1996), seguidas das funções de natureza argumentativa como atestam os estudos de Marcuschi (1992) e Jonhstone (1991), ambos voltados, respectivamente, para a fala e a escrita. Em estudos recentes voltados para a gramática do português falado, Castilho (1998) sugere que a repetição é fundamental nos processos de interação, na criação de texto e na construção da sentença, razão pela qual desempenha um papel constitutivo que não deve ser ignorado na descrição lingüística. De acordo com Bennett-Kastor (1994), embora a repetição sofra um processo de gramaticalização quando passa a se manifestar sob formas mais sutis e refinadas (como pronominalização, elipse e

uma variedade de tipos de paralelismo), as formas básicas repetitivas, adquiridas em contextos discursivos anteriores, continuam florescendo em situações de interação (Silva, 1999). Trata-se, portanto, de um fenômeno que encontra no nível do discurso o seu *habitat natural*.

Por outro lado, a reduplicação se dá apenas no nível lexical, embora nem sempre se copie todo o material da base. Eis a primeira diferença entre reduplicação e repetição, já que esta ocorre também em nível estrutural, envolvendo sintagmas e orações. Além disso, na reduplicação, base morfológica e clone ocorrem contiguamente um ao outro no interior da palavra. É o que se pode ver em "clássicos" como Key (1965), McCarthy (1981), Marantz (1982) e Steriade (1988) entre inúmeros outros. Apresentamos a seguir a conceituação formal de reduplicação, proposta por Kiyomi (1995):

(13) Reduplicação

Dada uma palavra com a forma fonológica X, a *reduplicação* refere-se a XX ou xX (em que x é parte de X e x pode aparecer antes, após ou no interior de X).

Condições:

- (i) XX ou xX deve ser relacionado semanticamente a X.
- (ii) XX ou xX devem ser produtivos.

Em (14) temos três exemplos da língua ilokano, das Filipinas, e dois do português. Na primeira, a reduplicação indica o processo morfológico de número plural; no segundo, ela é usada para nominalizar ações (cf. Couto 1999).

(14)	kaldíj 'bode'	kal-kaldíj 'bodes'
	púsa 'gato'	pus-pusa 'gatos'
	jyánitor 'porteiro'	jyan-jyánitor 'porteiros'
	trocar	troca-troca 'ato de trocar sem parar'
	pular	pula-pula 'brinquedo infantil'

Como se pode ver em Key (1965) e Marantz (1982), entre outros, na reduplicação parcial o material copiado pode ser até mesmo apenas alguns segmentos do início, do final ou do interior da base. De acordo com o primeiro desses autores, a função semântico-pragmática da reduplicação pode ser a mais variada possível, uma vez que, de acordo com o segundo deles, ela é um tipo especial de afixação, ou seja, um processo morfológico. Entre as diversas funções da reduplicação elencadas por Key (1965), temos a iteração, a pluralidade, a intensificação, a distributividade, a diminuição e a mudança de categoria gramatical. Esta última parece ser a função mais produtiva da reduplicação em português. Em Key (1965) pode-se ver que a reduplicação lexical pode ser empregada para indicar qualquer processo morfológico, de acordo com a língua.

Em estudo realizado sobre a reduplicação (*raddoppiamento*), mecanismo ilocucionário recorrente no italiano, Wierbicka (1986) sugere inicialmente que a repetição, do ponto de vista funcional, distingue-se da reduplicação pela presença de uma

pausa, que é sinalizada na escrita pela vírgula. Nessa perspectiva, enunciados como o de (15) são diferentes em um ato de fala e de escrita respectivamente.

- (15) *'Devagar devagar'*
 (i) Adagio adagio! (pronunciado num mesmo grupo de força)
 (ii) Adágio, adágio (escrito com a pausa representada na vírgula)

Os dados da língua franca selecionados para análise refletem, em parte, esse mecanismo ilocucionário do italiano apontado por Wierbicka. Aliás, cabe aqui lembrar que o italiano foi a língua que mais contribuiu para a formação dessa variedade lingüística, sobretudo no período inicial, justamente na variante mais ocidental do Mediterrâneo. Vejamos alguns exemplos de repetição estrutural em (16), tirados da lista de (1)-(12) (cf. Couto *a sair*).

(16) *Repetição como mecanismo ilocucionário*

- | | |
|-------------------------------|---|
| (i) mundo cosi-cosi | 'assim, de tal modo' (Haedo, Dan) |
| (ii) non paura, non paura | 'sem medo, sem medo!' (Caronni) |
| (iii) buono buono | 'bom bom!' (Caronni) |
| (iv) andar poco poco | 'allez doucement' (<i>Dictionnaire</i>) |
| (v) cerrar boca chito-chito | 'zitto, zitto / non parlar' (Haedo, Dan) |
| (vi) assi assi | 'olha aqui, olha aqui!' (Haedo) |
| (vii) andar andar | 'anda, anda!' (Haedo) |
| (viii) veccio veccio niçarane | 'velho cristão' (Haedo) |
| (ix) buona presa, buona presa | 'boa presa, boa presa' (Caronni) |
| (x) a cosi a cosi | 'está vendo!' (Haedo) |

Os exemplos acima, embora apareçam descontextualizados, permitem inferir que os processos de repetição em língua franca, a exemplo do italiano, constituíram um mecanismo bastante recorrente em situações de interação. Como se pode observar, tanto a repetição simples de uma base nominal (*cosi cosi*, *chito chito*) quanto a de um sintagma nominal (*non paura*, *non paura*) ou verbal (*andar andar*) em posição de contigüidade expressam significados que evidenciam uma motivação icônica, em que mais forma equivale a mais conteúdo.

Cabe lembrar que um segmento lingüístico em posição contígua favorece a idéia de intensidade aumentada, continuidade de ação ou aumento de tamanho. Mas, aqui, os contextos discursivos em que se encontram os casos de repetição lexical (*mundo cosi*, *cosi*) e estrutural (*andar*, *andar*) permitem inferir que sua realização coincide com o uso de lexias cristalizadas, depositadas na memória coletiva. As lexias cristalizadas do discurso implicam unidades de comportamento de uso coletivo, que pertencem a um dos níveis de construção lingüística no plano do conteúdo³. Será que por serem cristalizadas podem ser consideradas como reduplicação? Essa questão será retomada nas considerações finais. A propósito, o exemplo "(no) pigliar fantasia", cujo significado é "não seja petulante", traz pistas de construções sintáticas de outro tipo que se cristalizaram com o uso.

Em (16i), o segmento repetido "cosi-cosi" dá idéia de algo imutável, que não

pode ser alterado e que portanto é melhor se conformar. Ele pode ser traduzido por algo como "é assim e pronto". Trata-se, pois, de uma repetição que, em vias de gramaticalização (a forma repetida é registrada com hífen), era proferida em contextos de interação específicos, provavelmente para chamar a atenção do interlocutor quanto à inutilidade de se rebelar. Em (16x), o segmento "a cosi, a cosi" evidencia uma repetição em nível estrutural, equivalente a um enunciado oracional, proferido em contextos de interação específicos, provavelmente para chamar a atenção de um escravo para prestar mais atenção ao que estaria fazendo (Couto *a sair*). Em suma, o sentido semântico-gramatical que parecia estar se fixando para a expressão na LF é sempre o da necessidade de obediência diante da ausência de outras alternativas.

Todos os enunciados selecionados nos textos dos cronistas da época para exemplificar a LF são do tipo dialógico, tanto que a maioria deles se constitui de informação (satisfação a uma solicitação), ordem ou pergunta. Deve-se ressaltar que o verbo aparece quase sempre na forma infinitiva, fato recorrente em situações de contato. Os textos consultados indicam que o imperativo em LF se constrói com a forma românica de infinitivo, como *andar* ('vai tu') por exemplo, como já assinalara o pai da crioulística Schuchardt (1909).

A recorrência de verbos implica, na maioria das vezes, repetição em nível estrutural. Os verbos em LF aparecem no infinitivo e mais raramente no imperativo, que é a forma por excelência para ordens. A repetição de formas verbais configura uma repetição oracional, conforme ilustrado no exemplo (17).

(17) *A repetição em nível oracional*

- | | |
|----------------------|---------------------------------|
| (i) Ardire, ardire ? | 'Atreves, atreves?' (Contrasto) |
| (ii) Andar, andar ! | 'Andar, andar!' (Haedo) |

Observe-se que a força ilocucionária nos fragmentos acima pode ser interpretada como um diretivo que envolve, no primeiro enunciado, uma ameaça ou desafio, o que é sinalizado pela interrogativa. O segundo enunciado encerra uma ordem para que uma ação seja realizada de forma continuada ou ininterrupta. Em ambos os casos a repetição intensifica não a urgência de uma ação, mas, sim, um significado argumentativo no nível do discurso, expresso numa espécie de desejo de instigar o interlocutor a tomar uma atitude. O exemplo seguinte encerra um ato diretivo que implica também a força ilocucionária de um desafio.

- (18) Andar, andar, canaglia 'Anda, anda, canalha' (Caronni, 1805)

A forma verbal repetida, mais que intensificar uma ordem parece intensificar a força ilocucionária de uma provocação, o que é evidenciado pela presença do vocativo 'canalha'. Tanto este exemplo como os anteriores coincidem com alguns pontos do italiano. De acordo com Wierbicka (1986: 294), a repetição oracional no italiano não implica comando expresso de uma ação imediata, não estando, portanto, restrita a contextos onde a mensagem de urgência é apropriada. A repetição oracional expressa, em geral, uma espécie de vontade de influenciar um interlocutor (Eu desejo que você faça X), mas

não sugere, necessariamente, induzir o interlocutor a fazer algo depressa (Eu quero que você faça isso agora!). Outro caso de repetição oracional que constitui uma cópia praticamente fiel da língua italiana é apresentado no exemplo (19).

(19) Mangiare, mangiare, perché non mangiare (?) (Caronni)

No enunciado acima, que pode ser perfeitamente compreendido em português ('come, come, por que não come?'), a função apelativa, veiculada no segmento repetido, reflete o desejo, por parte de alguém, de influenciar um interlocutor, ordenando-lhe ou insistindo para que uma ação seja realizada.

4. Considerações finais

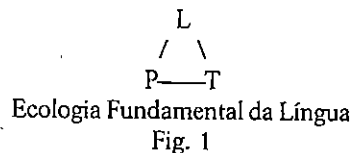
O número de construções repetidas em LF é relativamente alto, levando-se em consideração os poucos textos disponíveis. O problema é discernir os processos discursivos da repetição dos que poderiam ser considerados como cristalizados no processo gramatical da reduplicação. Um fato é incontestável. Todos os exemplos analisados neste estudo ilustram atos de interlocução concretos, uma vez que excluímos os exemplos literários.

A questão fundamental que se põe é se a LF é uma língua. Como discutido amplamente em Couto (*a sair*), ela é considerada unanimemente como um *pidgin*. Acontece que até hoje os crioulistas e pidginistas não chegaram a um acordo se *pidgin* é língua ou apenas um jargão, sem gramática. Pois bem, a LF constitui, a nosso ver, um caso ideal para discutir essas questões.

Por um lado, pode-se afirmar que a LF carece de uma gramática própria e, nessa perspectiva, não atende à conceituação formal de língua vista no esquema logo abaixo, segundo o qual toda língua (L) consta de uma parte sistêmica, ou seja, um vocabulário (V) e uma gramática (G), bem como dos textos (T) produzíveis pelo sistema.

$$L = (V+G) + T$$

Por outro lado, a LF tampouco preencheria o requisito da ecologia fundamental da língua, mostrada na figura 1.



Como ilustra a Figura 1, de acordo com o requisito mencionado anteriormente, só existe uma língua (L) se existir uma população (P), convivendo em determinado território (T), que a forme e a use. Com efeito, nem em Argel (tida como o lugar onde a LF mais prosperou) ela era a língua principal. As línguas principais dessa cidade eram dialetos árabes, o berbere, o turco, o italiano, bem como diversas outras línguas européias.

São justamente essas incertezas que fazem da LF um objeto de estudo relevante para a teoria lingüística. Ela nos obriga a procurar respostas para a pergunta: *o que é uma língua?*

As ocorrências de segmentos repetidos (lexicais ou estruturais), ainda que significativos, não nos autorizam a dar uma resposta favorável a essa pergunta, uma vez que os dados analisados até o momento não permitem constatar, de modo irrefutável, se os processos de repetição já teriam ultrapassado o umbral da gramaticalização.

Partimos do pressuposto de que a ordem de surgimento dos fenômenos morfológicos é a seguinte: repetição > reduplicação/composição > derivação > flexão (cf. Couto 1999: 46). Com isso, uma coisa é clara: na LF há diversas instâncias de repetição. Os dados nos mostram que, ao parecer, algumas dessas instâncias estariam evoluindo para a etapa seguinte, qual seja, a da reduplicação. Isso implicaria um fato de gramática. No entanto, só podemos afirmar que "parece", não que efetivamente "é" um processo reduplicativo. Portanto, a conclusão geral a que chegamos é a de que, como a maioria dos pidgins, a LF parece não ser uma língua plena como as outras, que têm uma gramática própria. Quando muito ela seria uma língua *in statu nascendi*, uma *pré-língua*, para usar a categoria proposta por Bickerton (1990) para os pidgins em geral, embora ele fale em "proto-língua" (proto-language).

Notas

1. O co-autor já investigou a reduplicação nos crioulos portugueses, bem como na própria língua portuguesa e, recentemente, concluiu seu livro sobre a língua franca (Couto, *a sair*). A co-autora é especialista em repetição, tema central de sua tese de doutorado na UNAM (cidade do México), a qual será publicada em tradução portuguesa pela Editora da Universidade de Brasília.
2. De acordo com Hopper e Traugott (1993: 94), a gramaticalização envolve o processo pelo qual um item lexical, impulsionado por um certo contexto pragmático e morfossintático, torna-se gramatical.
3. A respeito do plano das lexias, ver também Carone (1986: 15).

Referências

- Bennett-Kastor, Tina L. 1994. Repetition in language development: from interaction to Cohesion. In: B. Johnstone (ed.). *Repetition in discourse*. Nova Jersey: Able, vol. 1. 155-171.
- Bessa Neto, Regina. 1991. *A repetição lexical em textos narrativos orais e escritos*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Bickerton, Derek. 1990. *Language and species*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Carone, Flávia. 1986. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática.
- Castilho, Ataliba. *A língua falada no ensino do português*. São Paulo: Contexto.

- Cifoletti, Guido. 1989. *La lingua franca mediterranea*. Pádua: UNIPRESS.
- Couto, Hildo Honório do. 1999a. A reduplicação em português. *Lusorama* 40.29-49.
- _____. 1999b. A reduplicação nos crioulos portugueses. Comunicação lida no Workshop sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), 29 e 30 de Abril de 1999.
- _____. (a sair). *A língua franca mediterrânea: histórico, textos e interpretação*.
- Haiman, John. 1980. The iconicity of grammar. *Language* 56,3.515-540.
- Hopper, Paul e Traugott, Elizabeth C. 1993. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge Textbooks in Linguistics.
- Johnstone, Barbarah. 1991. *Repetition in arabic discourse: paradigms, and the ecology of language*. Filadélfia: John Benjamins.
- Key, Harold. 1965. Some semantic functions of reduplication in various languages. *Anthropological linguistics* 7,3.88-102.
- Kiyomi, Setsuko. 1995. A new approach to reduplication: a semantic study of noun and verb reduplication in the Malayo-Polinesian languages. *Linguistics* 33.3.1145-1169.
- Koch, Ingedore V. 1989. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto.
- _____. 1997. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto.
- Landar, Herbert J. 1961. Reduplication and morphology. *Language* 37.239-246.
- Marantz, Alec. 1982. Re reduplication. *Linguistic inquiry* 13,3. 435-482.
- Marcuschi, Luiz Antônio. 1992. *A repetição na língua falada: formas e funções*. Tese de Concurso de Titular em Lingüística. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- McCarthy, John J. 1981. A prosodic theory of nonconcatenative morphology. *Linguistic inquiry* 12,3. 373-418.
- Schuchardt, Hugo. 1909. Die Lingua Franca. *Zeitschrift für Romanische Philologie* XXXIII.441-461.
- Silva, Denize E. G. da. 1996. *La oralidad en el discurso narrativo escrito de adolescentes mexicanos: el fenómeno lingüístico de la repetición*. Universidad Nacional Autónoma de México: Tesis doctoral inédita.
- _____. 1999. O paralelismo dentro dos processos discursivos e gramaticais na fala e na escrita. *Revista do GELNE* 1,1.69-75.
- _____. (a sair) *A repetição em narrativas de adolescentes: do oral ao escrito*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Steriade, Donca. 1988. Reduplication and syllable structure. *Phonology* 5.73-155.
- Teles, Gilberto M. 1970. *Drumond: a estilística da repetição*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Wierzbicka, Anna. 1986. Italian reduplication: cross-cultural pragmatics and illocutionary semantics. *Linguistics* 24.287-315.